

ESTUDOS CULTURAIS: O quê e o como da investigação

MARIA MANUEL BAPTISTA
Universidade de Aveiro
mbaptista@ua.pt

Resumo

O presente texto situa-se no âmbito dos Estudos Culturais e procura fazer uma revisão dos princípios teóricos e epistemológicos, bem como da investigação científica que, desde os anos 60 do século passado, tem sido praticada neste âmbito, nos mais diversos países, ocidentais e não-ocidentais. Assim, numa primeira parte do texto, apresenta-se um núcleo mínimo de características comuns da investigação em Estudos Culturais, não deixando, no entanto, de referir as suas principais diferenças e clivagens. Em seguida, refere-se, brevemente, a história da origem e constituição dos Estudos Culturais, procurando desenhar o seu estatuto disciplinar e académico. Na última parte deste trabalho, pretende-se detectar as principais linhas de desenvolvimento da investigação em Estudos Culturais, bem como as principais metodologias usadas neste domínio científico.

Abstract

The present study stands on Cultural Studies research field. It aims to review its major theoretical and epistemological principles and also the scientific research that, since XXth century (60s decade), has been conducted on different countries around the world. In the first part of this paper, we present a cluster of common traits on Cultural Studies research field, but also their divergences and main discussions. A brief history of the origins and development of Cultural Studies is also provided, while trying to reflect about the disciplinary and academic status of this field of knowledge. On the final part we synthesize the main lines of the present Cultural Studies field of research and its methodologies.

Palavras-chave: Estudos Culturais, Metodologia, Epistemologia, Investigação

Keywords: Cultural Studies, Methodology epistemology, Research

A área de Estudos Culturais é intrinsecamente paradoxal, objecto de discussão e incerteza, caracterizando-se por uma forte presença académica nos discursos intelectuais, revela discórdias internas profundas em relação a praticamente tudo: sobre para que serve, a quem servem os seus resultados, que teorias produz e utiliza, que métodos e objectos de estudo lhe são adequados, quais os seus limites, etc.

Na verdade, se algum 'método' há nos Estudos Culturais ele consiste na contestação dos limites socialmente construídos (por exemplo, de classe, género, raça, etc.) nas mais diversas realidades humanas. A 'naturalização' dessas categorias tem sido precisamente objecto de grande contestação a partir dos Estudos Culturais. Não admira, por isso, e desde logo pela marca de crítica constante com que nasceu e da qual se alimenta, que este domínio científico tenha tantas dificuldades em auto-limitar-se.

A história dos Estudos Culturais, enquanto disciplina académica está efectivamente marcada pela contestação, já que, aquando da sua emergência nos anos 70 ela formula e procura corresponder a uma 'viragem cultural' das ciências sociais e humanas. Num mesmo movimento contribuiu, igualmente, para destabilizar as fronteiras de disciplinas já com longa tradição académica, como a História, a Sociologia, a Literatura, entre outras.

Com efeito, os Estudos Culturais têm funcionado como agente e sintoma na reconfiguração da estrutura disciplinar quer das Humanidades, quer das Ciências Sociais, num processo que ainda hoje está em curso e se encontra longe de estar terminado.

1 - Características comuns da investigação em estudos culturais

Na prática, os Estudos Culturais abrigam um conjunto múltiplo de investigadores e investigações de formação muito diversa (nem sempre compatível) e de origens académicas e geográficas muito diferentes. Para além disso, muitos investigadores chegam a esta área por razões intelectuais e até políticas muito diferentes.

De qualquer modo, há traços distintivos no modo como é praticada a análise cultural e é sobre esses elementos, por vezes contraditórios, equívocos e polémicos, que procuraremos desenvolver a presente reflexão.

A primeira característica que gostaríamos de destacar é a ideia de complexidade (Morin, s/d), a qual se revela, primariamente, num profundo compromisso com a ideia de complexidade do fenómeno cultural. Para além disso, os investigadores desta área colocam uma particular ênfase na produção contextual, multidimensional e contingente do conhecimento cultural, procurando reflectir nos resultados da sua investigação a complexidade e o carácter dinâmico e até, frequentemente, paradoxal do objecto cultural que abordam.

Uma outra característica muito frequente na análise praticada pelos Estudos Culturais consiste no compromisso cívico e político (no sentido grego e mais radical de intervenção e envolvimento nos assuntos da *polis*) de estudar o mundo, de modo a poder intervir nele com mais rigor e eficácia, construindo um conhecimento com relevância social (Pina, 2003). Este compromisso político (sublinhemos de novo, no sentido mais lato e profundo do termo) filia-se num contexto mais genericamente definido a partir dos princípios da democracia cultural.

Ou como afirma Barker,

os estudos culturais constituem um corpo de teoria construída por investigadores que olham a produção de conhecimento teórico como uma prática política. Aqui, o conhecimento não é nunca neutral ou um mero fenómeno objectivo, mas é questão de posicionamento, quer dizer, do lugar a partir do qual cada um fala, para quem fala e com que objectivos fala (Barker, 2008:27).

Em suma, os Estudos Culturais (e já desde a sua génese com Stuart Hall nos anos 60, no contexto britânico (Hall, 1972)) estão geneticamente ligados a um modo de produção de análise cultural que faz convergir princípios e preocupações académicas com uma exigência de intervenção cívica, ou seja, articula inquietações simultaneamente teóricas e preocupações concretas com a *polis*.

Na prática tudo isto apresenta um grande grau de variabilidade nas investigações conduzidas no âmbito dos Estudos Culturais, pois esta dupla atenção à teoria e à prática tem resoluções contextuais muito diversas, apresenta implicações práticas e cívicas com *focus* muito diferentes, revelando ainda estilos de actuação muito específicos.

Assim, enquanto para alguns, praticar a investigação em Estudos Culturais é uma forma de política cultural que deve sempre resistir a disciplinarizar-se no âmbito de uma instituição académica, para outros os Estudos Culturais devem legitimar-se precisamente no contexto académico, o que constitui por si só um objectivo político (Bennett, 1998).

Mas até o aspecto mais estritamente cívico proclamado por muitos investigadores na área dos Estudos Culturais pode surgir na academia de diferentes formas: o elemento 'político' pode estar apenas implícito, por exemplo, numa investigação que critica os discursos dominantes, usando toda a metodologia e modelos das ciências sociais mais objectivistas ou, num outro extremo, apresentar-se como pura desconstrução crítica, usando mesmo um acto performativo.

2 - História breve da origem e constituição dos estudos culturais

Vulgarmente, a origem desta área de investigação é situada nos finais da década de 50 do século XX, em Inglaterra, tendo-se posteriormente espalhado este modo de análise cultural um pouco por todo o mundo. A sua institucionalização pode situar-se a partir da criação, em 1964, na Universidade de Birmingham do Center of Contemporary Cultural Studies (CCCS). Criado por um professor de Literatura Moderna (de língua inglesa), Richard Hoggart, o CCCS vem a registar uma influência máxima quer em termos geográficos, quer em impacto nos meios académicos e extra-académicos com Stuart Hall, já nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Do ponto de vista teórico, a inspiração destes estudos pode também situar-se nas obras de Roland Barthes (Barthes, 1967, 1972, 1977) e Henri Lefebvre (Lefebvre 1966,1970, 1975) (França), Fiedler (Fiedler, 1955, 1996) (EUA) e Fanon (Fanon, 1967) (Martinique/ França e Norte de África), entre outros.

Para além disso, e embora sem que, numa primeira fase, se tenha usado a expressão 'Estudos Culturais', apareceu também na América Latina sob designações mais genéricas como 'Comunicação', 'História Intelectual', 'Análise do Discurso' e 'Estudos Inter-Disciplinares'

De qualquer modo, o impulso e a inspiração próprias da investigação em Estudos Culturais espalharam-se por todo o mundo, tornando-se uma área de estudos transnacional, da Suécia e Alemanha até à Austrália e ao Quénia. Em consequência deste rápido e prodigioso desenvolvimento, os Estudos Culturais passaram a apresentar-se como uma prática intelectual dispersa, cujo único centro talvez tenha passado a ser o de procurar articular e fazer dialogar três nós problemáticos essenciais: cultura, teoria e acção cívica. Não obstante esta dimensão de fragmentação e pulverização, foi-se assistindo, paralelamente, ao nascimento dos Estudos Culturais como uma área mais circunscrita e institucionalizada, gozando de reconhecimento académico num número limitado, mas crescente, de países.

Recuando ainda um pouco às suas origens, cabe sublinhar que, inicialmente, a actividade do CCCS consistia em promover a cooperação entre as diversas áreas do conhecimento, procurando estimular a investigação em interdisciplinaridade, ao mesmo tempo que enfatizava a necessidade e importância de uma ligação prioritária a temas da actualidade. Para além disso, procurava (e ainda procura), em primeiro lugar, dirigir a sua atenção para o estudo das classes trabalhadoras, das culturas de juventude, das mulheres, da feminilidade, da raça e etnicidade, das políticas culturais da língua e dos *media*, entre muitos outros. O que poderemos sublinhar de interesse comum entre estes objectos de

investigação é o facto de todos os estudos procurarem revelar os discursos marginais, não-oficiais, ou daqueles que propriamente não têm voz.

Em síntese, trata-se de estudar aspectos **culturais** da sociedade, isto é, de tomar a cultura como prática central da sociedade e não como elemento exógeno ou separado, ou mesmo como uma dimensão mais importante do que outras sob investigação, mas como algo que está presente em **todas** as práticas sociais e é ela própria o resultado daquelas interações.

Nos anos 70 do século passado, o CCCS integrava criticamente contribuições teóricas diversas que iam desde o pós-estruturalismo francês (a linguística estrutural de Saussure (Saussure, 1960) e a semiótica social de Roland Barthes (Barthes, 1972), bem como a psicanálise de Lacan (Lacan, 1977) e o marxismo estrutural de Althusser (Althusser, 1969, 1971) e até Gramsci (Gramsci, 1968, 1971), sintetizando o paradigma estruturalista e o culturalista.

O elemento central desta integração teórica e destes múltiplos aportes metodológicos passou a ser a prática duma actividade crítica, que se tornava apelativa porque abordava questões da experiência quotidiana, à medida que esta se constituía de modos cada vez mais complexos, contraditórios e fraccionados. Por outro lado, recuperavam-se questões sobre a contemporaneidade que as academias haviam considerado triviais ou difíceis de estudar.

Metodologicamente, em vez de se compartimentarem os problemas, passou-se então a integrar diversos métodos capazes de darem conta, através do uso de diferentes perspectivas, da complexidade multifacetada de um problema em particular, abandonando qualquer pretensão de encontrar explicações causais e definitivas para as realidades em estudo. Assim, mais do que interdisciplinaridade, tratava-se essencialmente de reconhecer a complexidade e as limitações de objectividade no contexto dos Estudos Culturais.

Será já nos anos 80 e 90 que se assiste à institucionalização dos Estudos Culturais em diversas partes do mundo, estabelecendo-se programas académicos e departamentos, centros de investigação, revistas, organizações profissionais, etc. Em 2002 o CCCS (que foi, entretanto, transformado em Department of Cultural Studies and Sociology) encerra as suas actividades, apesar do crescente interesse pelos Estudos Culturais em todo o mundo.

3 - O estatuto disciplinar e académico dos estudos culturais

Os Estudos Culturais apresentam-se, desde a sua génese, menos como uma disciplina e mais como um 'campo gravitacional' para intelectuais de diferentes origens (Bennett, 1992). Entre as diversas formações dos investigadores que trabalham nesta área, destacam-se aqueles que são oriundos dos Estudos Literários, Linguística, Sociologia,

História, Antropologia, Comunicação, Geografia, Estudos Fílmicos, Psicologia, Educação e Filosofia; menos presentes, mas por vezes participantes empenhados no desenvolvimento de projectos de investigação em Estudos Culturais encontram-se economistas, juristas e peritos em relações internacionais

Apesar desta diversidade, o que não podemos deixar de sublinhar é que daqui resulta um cruzamento disciplinar que não é só mistura caótica mas, frequentemente, verdadeira interdisciplinaridade que procura resolver um conjunto de problemas culturais através do uso paradigmas teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa.

Como se pode facilmente deduzir do que ficou dito, também a educação e a formação nesta área apresenta conflitos teóricos e práticos, os quais têm conduzido a disputas, mas também a consensos diversos (como é o caso, entre outros, de algumas discussões entre as áreas dos Estudos Literários e dos Estudos Culturais (Silvestre, 1999)).

Porém, a maior clivagem nesta área diz respeito às diferenças entre a aproximação mais 'textual' (tipicamente das 'humanidades') e a mais 'sociológica' (tipicamente ligada às 'ciências sociais'), onde o diálogo interdisciplinar, quer ao nível metodológico quer teórico, é mais difícil. No entanto, e de um modo um tanto paradoxal, é no ponto de convergência entre estas duas tendências que os Estudos Culturais são mais inovadores e podem trazer as mais importantes contribuições para o progresso e desenvolvimento científicos.

4 - Linhas de desenvolvimento da investigação em estudos culturais

A propósito das linhas de desenvolvimento da investigação em Estudos Culturais, refira-se, em primeiro lugar, todo um conjunto de investigações que se têm centrado no estudo dos fenómenos de mercantilização generalizada, induzidos pela cultura contemporânea (sublinhe-se aqui a importância da postura crítica trazida pela Escola de Frankfurt, mas também a relevância da reflexão sobre a agência, preconizada por Marx). Esta linha de investigação tem frequentemente conduzido os investigadores a desenvolverem os seus projectos centrando-se nas relações entre o poder e os mercados, articulando-os com a cultura popular, ou desenvolvendo as relações entre textos e audiências, na linha dos estudos de Pierre Bourdieu (Bourdieu, 1984) e Certeau (Certeau, 1984).

Uma outra vertente importante no âmbito dos Estudos Culturais tem aprofundado fenómenos ligados à noção de Estado nas sociedades capitalistas contemporâneas. Estes projectos têm ido desde os 'aparelhos ideológicos do Estado' de Althusser (Althusser, 1980) até aos trabalhos sobre o poder e o micro-poder de Foucault (Foucault, 2008).

Um terceiro domínio de interesse no âmbito dos Estudos Culturais tem-se desenvolvido em torno do estudo sobre a luta pela hegemonia e contra-hegemonia

(Gramsci, 1978) com consequências na produção do sentido e nas diversas representações (do Estado, mas também dos movimentos cívicos e sociais), bem como sobre a condição pós-moderna de abandono e descrédito das meta-narrativas (Lyotard, 1987).

Já o estudo relativo aos modos de construção política e social das 'identidades', abordando as questões da nação, raça, etnicidade, diáspora, colonialismo e pós-colonialismo, sexo e género, etc. têm sido das temáticas mais investigadas nos últimos anos, dando origem a uma importante massa de resultados de grande qualidade e importância fora e dentro das academias.

Por fim, e mais recentemente, os investigadores destas áreas têm-se centrado no estudo dos fenómenos relacionados com a Globalização, articulando-a com questões de desterritorialização da cultura, movimentos transnacionais de pessoas, bens e imagens. Neste domínio tem sido ainda objecto de pesquisa a nova sociedade em rede, fenómenos de terrorismo, choques civilizacionais, a crise ambiental global, entre outras temáticas.

5 - Principais metodologias usadas nos estudos culturais

Sublinhe-se que, no âmbito dos Estudos Culturais, tem havido muita produção sobre metodologia (Alasuutari, 1995, Gray, 2003, Mcguigan, 1995) e pouca sobre métodos. De qualquer modo, de uma forma geral, os estudos nesta área são predominantemente qualitativos e a verdade é entendida como relevando essencialmente do campo da interpretação e do ensaio crítico. Em todos os casos, a vigilância auto-crítica e a reflexividade sobre os métodos a usar tem sido vista como o elemento crucial a garantir o rigor e a qualidade dos resultados nesta área do conhecimento.

De acordo com Barker (Barker, 2008), de entre as metodologias mais frequentemente usadas nos Estudos Culturais destacam-se as seguintes:

- a) Metodologia **etnográfica**, que enfatiza o elemento vivencial da experiência
- b) Abordagem **textual**
- c) Estudos de **recepção**

Quanto à metodologia **etnográfica** (Rorty, 1989,1991) ela designa essencialmente procedimentos de observação participante, entrevistas em profundidade e grupos focais. Tem como elemento fundamental a concentração no detalhe do quotidiano enquadrando-o no todo da vida social. Para isso, procura articular de forma profunda e fundamentada a abordagem empírica e teórica.

Sublinhe-se o quanto, nesta perspectiva, a investigação em Estudos Culturais trabalha essencialmente com problemas de 'tradução' e justificação, não procurando propriamente a 'verdade objectiva', mas a compreensão do significado mais profundo dos discursos e das representações sociais e culturais.

Compreende-se, assim, que esta metodologia se encontre particularmente apta para abordar questões de cultura, estilos de vida e identidades.

Por seu turno, a abordagem **textual** apresenta resultados diversos de acordo com os diferentes modos de tratar o texto: numa perspectiva semiótica o texto é visto como signo, procurando encontrar-se aí ideologias e mitos; numa perspectiva essencialmente ligada à **teoria narrativa** os textos são vistos e compreendidos como histórias que procuram explicar o mundo e fazem-no de forma sistemática, com uma estrutura frequentemente repetitiva (Neale, 1980, Todorov, 1977); por fim, a abordagem desconstrucionista, na linha de Derrida, procura, quer nos campos da literatura quer no âmbito da teoria pós-colonial, surpreender os pares hierárquicos clássicos da cultura ocidental (homem/mulher, preto/branco, realidade/aparência, etc.), distinguindo o que um texto diz daquilo que ele significa.

Finalmente, e no que se refere aos **estudos de recepção**, a investigação parte da consideração de que o sentido do texto é activado pelo leitor, audiência ou consumidor. O modo como um tal processo se desenvolve em cada contexto histórico e social é o objecto destes estudos.

No âmbito dos estudos de recepção, têm-se desenvolvido duas linhas fundamentais:

a) o modelo 'codificação/descodificação' (Hall, 1981), que sublinha o facto de a codificação ser polissémica, pelo que a descodificação da mensagem pode não coincidir com o sentido original, sobretudo se uns e outros não partilharem o mesmo meio cultural, social, económico, etc.

b) o modelo clássico da tradição hermenêutica e literária (Gadamer, 1976, Iser, 1978), que defende a perspectiva de que a compreensão depende sempre do ponto de vista daquele que compreende. Assim, o leitor também produz sentido não tanto a partir do sentido inicial, mas das oscilações entre o texto e a sua própria imaginação.

6 - Conclusões

A teoria ocupa um lugar central e determinante nos Estudos Culturais, pois proporciona os instrumentos lógicos para pensar o mundo de um modo mais profundo, crítico e rigoroso. Na verdade, os Estudos Culturais rejeitam a ideia empiricista de que o conhecimento é simplesmente uma questão de coligir factos, a partir dos quais as teorias seriam deduzidas para, em seguida, serem elas próprias testadas e validadas pelos factos. Pelo contrário, nos Estudos Culturais a teoria está sempre implicada no trabalho empírico através de um conjunto de decisões metodológicas e posicionamentos epistemológicos presentes, sobretudo nas fases de escolha do tópico a investigar, na focalização da investigação, bem como pelo uso de paradigmas, teses e conceitos através dos quais a empiria é interpretada e discutida.

Deste modo, é objectivo primeiro dos Estudos Culturais construir um discurso crítico e auto-reflexivo que procure constantemente redefinir e criticar o trabalho já feito, repensar mecanismos de descrição, de definição, de predição e controlo das conclusões a que se chega, bem como ter um papel desmistificante em face de textos culturalmente construídos e dos mitos e ideologias que lhes subjazem.

Sublinhe-se que nenhuma das linhas de investigação propostas no âmbito do Estudos Culturais se exclui mutuamente, antes sugerem múltiplas possibilidades de cruzamentos, até porque os métodos utilizados apesar de serem diversos, podem complementar-se. É precisamente este apelo à interdisciplinaridade que se constitui, no âmbito dos Estudos Culturais, como um desafio à construção de uma cultura de diálogo entre as diferentes disciplinas.

Em síntese, as questões próprias da investigação em Estudos Culturais multiplicam-se e constituem focos problemáticos de luta intelectual contínua, que têm apenas como ponto unificador o conceito, equívoco e problemático, de Cultura. Apesar disto, os investigadores têm revelado ao longo dos anos a invariável e persistente vontade em se comprometerem com a complexidade do fenómeno cultural, colaborando na construção do que poderíamos designar por (inter)disciplina ou pós-disciplina que é hoje o domínio de investigação dos Estudos Culturais.

Bibliografia

- ALASUUTARI, Pertti (1995). *Researching Culture: Qualitative Method and Cultural Studies*. London: Sage
- ALTHUSSER, Louis (1969). *For Marx*. London: Allen Lane
- ALTHUSSER, Louis (1971). *Lenin and Philosophy and Other Essays*. London: New Left Books
- ALTHUSSER, Louis (1980). *Ideologia E Aparelhos Ideológico Do Estado*. Lisboa: Presença
- BARKER, Chris (2008). *Cultural Studies - Theory and Practice*. Los Angeles/London: Sage, 3rd
- BARTHES, Roland (1967). *The Elements of Semiology*. London: Cape
- BARTHES, Roland (1972) *Mythologies*. London: Cape
- BARTHES, Roland (1977) *Images, Music, Text*. Glasgow: Fontana
- BENNETT, Tony (1992) "Putting Policy into Cultural Studies", In C. Nelson, L. Grossberg, P. Treichler (eds.), *Cultural Studies*. London/ New York: Routledge, pp:23-53
- BENNETT, Tony (1998). *Culture: A Reformer's Science*. St Leonards, NSW: Allen & Unwin
- BOURDIEU, Pierre (1984). *Distinction: A Social Critique of the Judgement of Taste*. Cambridge, MA: Harvard University Press
- CERTEAU, Michel (1984). *The Practice of Everyday Life*. Berkeley: University of California Press
- FANON, Frantz (1967). *Black Skin, White Masks*. New York: Grove
- FIEDLER, Leslie (1955). *An End to Innocence: Essays on Culture and Politics*. Boston: Beacon Press
- FIEDLER, Leslie (1996). "The Tyranny of the Normal", In Sheryl Buckley, Carol Donley (eds.), *The Tyranny of the Normal*. Kent: Kent State University Press, pp:3-10
- FOUCAULT, Michel (2008), *Micro-Física Do Poder*. Rio de Janeiro:Graal, 26ª ed.
- GADAMER, Hans-Georg (1976). *Philosophical Hermeneutics*. Berkeley: University of California Press
- GRAMSCI, Antonio (1968). *Prison Notebooks*. London: Lawrence & Wishart
- GRAMSCI, Antonio (1971). *Selections from the Prison Notebooks*. London: Lawrence & Wishart
- GRAMSCI, Antonio (1978). *Concepção Dialética Da História*. Rio de Janeiro:Civilização Brasileira,2ªed.
- GRAY, Ann(2003). *Research Practices for Cultural Studies*. London:Sage
- HALL, Stuart (1972). *On Ideology:Cultural Studies*. Birmingham: Centre for Contemporary Cultural Studies
- HALL, Stuart (1980). "Encoding/Decoding", In: D. Hobson, S. Hall, A. Lowe, P. Willis, *Culture, Media, Language: Working Papers in Cultural Studies*. London: Hutchinson,pp:35-74
- ISER, Wolfgang (1978). *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Responses*. London and New York: Routledge & Kegan Paul
- LACAN, Jacques (1977). *Écrits: A Selection*. London: Tavistock
- LEFEBVRE, Henri (1970). *La Révolution Urbaine*. Paris: Gallimard
- LEFEBVRE, Henri (1975). *La Vie Quotidienne Dans Le Monde Moderne*. Paris: Gallimard
- LEFEBVRE, Henri (1966). *A Linguagem E a Sociedade*. Lisboa: Ulisseia
- LYOTARD, Jean-François (1987). *O Pós-Moderno Explicado Às Crianças*. Lisboa: Publicações D.Quixote
- MCGUIGAN, Jim (1995). *Cultural Methodologies*. London: Sage
- MORIN, Edgar (s/d), *O Método I - a Natureza Da Natureza*. Lisboa: Pub. Europa-América,
- NEALE, Stephen (1980). *Genre*. London: British Film Institute

- PINA, Álvaro (2003). "Intellectual Spaces of Practice and Hope: Power and Culture in Portugal from the 1940s to the Present". In: *Cultural Studies - Theorizing Politics, Politicizing Theory (Intellectual Practices in Culture and Power: Transnational Dialogues)*. vol.17, nº 6, Nov, pp:747-766
- RORTY, Richard (1989). *Contingency, Irony and Solidarity*. Cambridge:Cambridge University Press
- RORTY, Richard (1991). *Objectivity, Relativism and Truth: Philosophical Papers*. Cambridge: Cambridge University Press
- SAUSSURE, Ferdinand (1960). *Course in General Linguistic*. London: Peter Owen
- SILVESTRE, Osvaldo (1999). "Caminhos Que Se Bifurcam: Estudos Literários Ou Estudos Culturais?", *Ciberkiosk*. <http://www.uc.pt/ciberkiosk> (data de consulta Agosto 2008)
- TODOROV, Tsurai (1977). *The Poetics of Prose*. Ithaca, New York: Cornell University Press